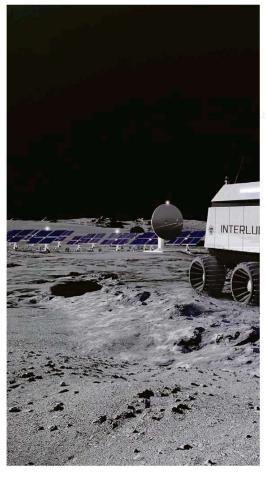
Anúncio abre exploração comercial em busca do combustível do futuro

Já há planos para minerar a Lua. É a era 'new space'



Representação artística mostra o coletor de

ROBERTA JANSEN

arece roteiro de série de ficção científica, mas já é vida real. A startup Interlune anunciou que quer minerar Hélio-3 na Lua já em 2026, de forma experimental e, até 2030, de forma permanente. O anúncio abre uma nova etapa da corrida espacial, a da exploração comercial do satélite e, até mesmo, da transformação da Lua em um polo industrial.

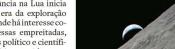
A ideia da empresa é trazer o gás para o nosso planeta, para ser comercializado por aqui. O Hélio-3 existe na Terra, no entanto em pouca quantidade, e é considerado essencial para a futura geração de energia limpa por meio da fusão nuclear. No mês passado, a Interlune informou que já havia arrecadado US\$ 15 milhões (R\$ 75 milhões) para a empreitada.

Embora o valor ainda seja baixo (ao menos em termos de exploração espacial), as implicações são profundas. Até agora todos os negócios anunciados na Lua eram de prestação de serviços para a agência espacial americana, a Nasa, não de geração de riqueza.

"A descoberta de Hélio-3 em abundância na Lua inicia uma nova era da exploração espacial, onde há interesse comercial nessas empreitadas, não apenas político e científico como foi a corrida espacial", afirma o astrofísico João Eduardo Fonseca, ex-diretor do Planetário do Ibirapuera, em São Paulo. "New Space é o termo usado para marcar essa nova era.

O QUE EXISTE DE FATO. Criada oor dois ex-funcionários da Blue Origin, entre eles o expresidente da empresa, Rob Meyerson, a startup não tem ainda totalmente desenvolvida a tecnologia para fazer a mineração lunar nem para trazer o gás à Terra. Mas a empresa acredita que neste momento em que vários países miram o retorno à Lua (como Estados Unidos, Índia e Japão), e investem em tecnologia para tanto, é hora de pensar nesse tipo de negócio.

"Hélio-3 é o único recurso caro o suficiente para compensar o investimento em mineração na Lua e transporte do material para a Terra", afirmou Meyerson em entrevista recen-



te, ao justificar sua empreita-

Segundo Mayerson, a curto prazo seria possível vender Hélio-3 para a indústria de computação quântica e para exames médicos de imagem. A longo prazo, a ideia é usar o gás como combustível para reatores de fusão nuclear - uma energia limpa buscada por vários cientistas ainda sem sucesso, mas que poderia resolver o problema do aquecimento global. Além disso, argumenta Mayerson, novos usos devem surgir

da. "Já há clientes querendo

comprar Hélio-3 hoje."

VIABILIDADE. Cientistas ouvidos pelo Estadão não estão tão certos dessa viabilidade.

diante da disponibilidade da

substância.

Mais abundante no satélite

A empresa Interlune quer extrair o gás Hélio-3 da superfície lunar e comercializá-lo na Terra

Pelo menos não a curto prazo. "Economicamente falando, acho improvável que a China, os Estados Unidos, a Índia, a Rússia ou uma empresa privada entrem em um foguete, minere Hélio-3 na Lua e tragam de volta para a Terra para pro-duzir eletricidade", afirmou o físico Gustavo Canal, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP). "Ainda que seja viável cientificamente, não será economicamente. Não vai ser mais barata que a energia produzida por termelétrica na Terra, por exemplo." João Eduardo Fonseca con-

corda com o colega. "A grande dificuldade para a exploração de minérios lunares é o custo de trazer o material do nosso satélite para nosso planeta.

Mas a viabilidade está sendo exaustivamente estudada por muitas empresas de diversos países", diz o astrofísico.

"Embora os custos possam ser elevados para o desenvolvimento inicial da tecnologia, com o tempo seria possível ter uma frota útil para trazer para

nós o material", acrescenta. Canal aposta na construção de siderúrgicas na Lua para a geração de energia, mas também para a construção de foguetes e naves espaciais por lá. "A extração é mais fácil e, com a gravidade menor, é possível movimentar grandes massas com mais facilidade", afirma.

"O foco de muitos países está no polo sul lunar porque é onde há gelo. Com isso, poderíamos ter oxigênio para alimentar recintos fechados. E, como temos Hélio-3, ter também uma usina a fusão. Tudo se encaixa para que a Lua vire um polo industrial no futuro. Não estarei vivo para ver isso; minha filha, talvez, Mas meu neto, com certeza", prevê o

O astrofísico Alexandre Cherman, vice-presidente da Associação Brasileira de Planetários, aposta ainda na mineração de outros elementos. 9

